



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6570 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

ENCONTROS E CONVERSAS E CURRÍCULOS EM REDES E... QUANDO AS SEXUALIDADES SÃO CONVERSADAS COM OS COTIDIANOS DAS ESCOLAS
 Marina de Oliveira Delmondes - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

ENCONTROS E CONVERSAS E CURRÍCULOS EM REDES E... QUANDO AS SEXUALIDADES SÃO CONVERSADAS COM OS COTIDIANOS DAS ESCOLAS

Esse trabalho problematiza como as sexualidades transbordam e se constituem em redes de conversações *com* discentes-docentes. Instiga-nos: “Que pode a escola quando corpos são atravessados pela máquina desejanante da sexualidade?” (SANTOS, 2016, p. 38).

O campo metodológico é assumido a partir das pesquisas *com* os cotidianos. Consideramos a força dos fazeres-saberes tecidos nas escolas pelos corpos praticantes como pulsões inventivas das práticas-políticas curriculares dos quais, as sexualidades, também, são concebidas nesses processos micro- macro políticos.

Como aposta maior e em meio a um modelo profanador da vida (ROLNIK, 2018), defendemos a potência das conversações e dos encontros como possibilidades de surgimento de práticas inventivas e de resistência, que pensam-praticam as sexualidades como relações negociadas de poder nas redes potencializadoras de outras vidas possíveis nas escolas públicas brasileiras.

Na atualidade, vivenciamos um processo de recrudescimento de políticas conservadoras para o campo do currículo, especificamente, no que tange a temática das sexualidades, por vias prescritivo-documentais, a exemplo do documento normativo, Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Segundo Rolnik (2018, p. 171),

No campo da educação, durante as discussões no congresso em torno da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) demoniza-se nos currículos escolares qualquer abordagem de temas ligados à política (o famoso lema: “Escola sem partido”), à identidade de gênero, à orientação sexual e às culturas africanas e indígenas. Aprovada em dezembro de 2017, na nova BNCC foram eliminados trechos que afirmavam a necessidade de um ensino sem preconceitos. Mais especificamente, foram excluídos mais de dez trechos que mencionavam as questões de gênero e sexualidade e eliminados da bibliografia textos que abordassem a mitologia dos orixás, com o argumento de que seu conteúdo seria demoníaco.

O campo das sexualidades foi fundamentado a partir dos estudos foucaultianos. As sexualidades, segundo Foucault (2015, p. 116), “[...] tem, como razão de ser, o não reproduzir, mas proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global”. Portanto,

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede, as superfícies em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 2015, p. 115).

Diante disso, concordamos com Foucault (2015, p. 11), quando diz: “Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada”. Nessa perspectiva, os encontros-conversas foram possíveis.

Ao problematizar as sexualidades *com* as docentes percebemos que, ainda hoje, o discurso conservador de institucionalizar as sexualidades à família é muito presente. Em contrapartida, é no cotidiano escolar que muitas crianças têm a oportunidade de conhecer o funcionamento do corpo e estabelecer com ele uma relação para além do cuidado e da higiene.

Outro ponto relevante foi o fato de muitas profissionais se revelarem como não preparadas para lidarem com essa temática em sala de aula e o quanto ainda as sexualidades são tabus sociais. De certo, uma postura sustentada pelo discurso conservador que arregimenta os corpos aos seus lugares sociais, determinados pela relação saber-poder.

Foucault (2015) nos dá pistas para entender que, na gênese o que está sendo controlado e, por que não dizer, negado e silenciado, é a potência de vida dos corpos e, por isso, insiste em indagar: “O que é que pedimos ao sexo, além de seus prazeres possíveis, para nos obstinarmos tanto? Que paciência, ou avidez é essa em constituí-lo como o segredo, a causa onipotente, o sentido oculto, o medo sem tréguas?” (FOUCAULT, 2015, p. 88).

Consideramos que é possível experienciar algumas rupturas para pensar as sexualidades como uma micropolítica que reverbera um movimento de resistência nas escolas e que fissuram, muitas vezes, aquilo que temos realizado como práticas, inclusive, discriminatórias.

Se tratando de cotidianos escolares e tessituras curriculares, uma micropolítica das sexualidades pode, também, ser efetivada a partir de uma política coletiva, inventiva e comprometida com a “[...] potencialização da vida: reapropriar-se da força vital em sua potência criadora” (ROLNIK, 2018, p. 132) e, não há outra forma de tecer vidas-currículos-sexualidades sem que isso não esteja vinculado aos “[...] processos de experimentação – em que se criam palavras, imagens, gestos, modos de existência, de sexualidade, etc.” (ROLNIK, 2018, p. 132).

À vista disso, os encontros-conversas potencializaram pensar acerca da afirmação de uma vida possível concernentes a uma política da diferença e a insurreição dos corpos. Por fim, entendemos: “Para além de qualquer intenção macropolítica, a micropolítica do desejo

interpõe, intervém, entra em cena e pode transformar tudo o que foi planejado e desejado” (RODRIGUES, 2009, p. 150).

Portanto, as sexualidades, quando rompem com a perspectiva hegemônica que a enquadra no âmbito binarizante, reprodutivo e representacional pode vir a insurgir outros modos de experimentações da vida e encontrar território germinativo nas práticas curriculares que transbordam nos cotidianos escolares.

Palavras-chave: Currículos. Sexualidades. Cotidianos escolares.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: A vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. *Microfísica do poder*. 17ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

RODRIGUES, Alexsandro. Sexualidade(s) e currículo(s): práticas cotidianas que nos atravessam produzindo experiências. *Tese de Doutorado em Educação*, 2009. Disponível em: <http://www.educacao.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGE/detalhes-da-tese?id=6977> Acesso em: 27 jul. 2018. 280 p.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. N-1 edições, 2018.

SANTOS, Helane Súzia Silva dos. Uma cartografia das sexualidades: entre linhas e mapas dos afetos na escola. *Tese de Doutorado em Educação em Ciências e Matemática*, 2016. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0Bxa8Ai93RdHQVW90NEthVFRKQzQ/view> Acesso em 29 jul. 2018. 109 p.